

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM NEOPLASIA MALIGNA DE BEXIGA NO BRASIL ENTRE 2016 E 2021

Instituições

Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE – Santa Catarina – Brasil, Faculdade Meridional – IMED – Rio Grande do Sul – Brasil

Autores

EDUARDO STOLF, NATAN ARTHUR DEBATIN, MARCELA LUIZA LAUTH, LUIZA BERTOLDI HANSEN

01

Introdução

O câncer de bexiga é a neoplasia geniturinária mais frequente na população. A incidência dessa neoplasia vem recrudescendo nos últimos anos, em vista de seus fatores de risco, principalmente o tabagismo. Conforme dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA), a neoplasia de bexiga encontra-se na sétima posição em incidência entre homens e em oitavo entre as mulheres e possui uma maior incidência após os 60 anos de idade. Quando diagnosticada, pode-se dar seguimento com: radioterapia, quimioterapia, cirurgia e imunoterapia, sendo usadas de forma isolada ou associada.

02

Objetivo

Expor de forma quantitativa os casos de pacientes diagnosticados com neoplasia maligna de bexiga no Brasil, entre 2016 e 2021.

03

Metodologia

Estudo descritivo epidemiológico, sendo adquirido os dados através da plataforma TabNet Datasus referente a apuração de diagnósticos de neoplasia de bexiga, aplicando as variáveis: diagnóstico detalhado, modalidade terapêutica e sexo, além disso, demarcaram-se as buscas para os anos de 2016 a 2021.

04

Resultados

Entre 2016 a 2021 foram diagnosticados 30.612 casos de neoplasia maligna de bexiga, dos quais, 21.803, aproximadamente 71% do total foram de pacientes masculinos, frente aos 8.809 do sexo feminino, o que constata, de forma pujante, a predominância de homens para essa enfermidade. É relevante referir a queda no número de diagnósticos em 2021, em torno de 50%, de 7057 pacientes em 2020 para 3541 casos no ano seguinte. Ainda, na modalidade terapêutica utilizada, percebe-se que a cirurgia é o método mais comum a ser aderido, cerca de 61% do total, uma ampla diferença se comparada com quimioterapia, radioterapia e ambas modalidades em conjunto (quimioterapia e radioterapia), 17%, 2% e 0,1%, respectivamente. Por fim, o dado surpreendente diz respeito ao número de pacientes em que não constam informações referentes à modalidade utilizada, cerca de 20% do total, o que denota uma precariedade de dados que, se fossem usados da forma correta, auxiliariam no direcionamento mais assertivo de tratamento.

05

Conclusão

Em vista do apresentado, a alta incidência da neoplasia de bexiga nos últimos anos, principalmente no sexo masculino, expressa significativa relevância, tanto pela exposição aos fatores de risco, como pela deficiência nos diagnósticos e protocolos de rastreamento da neoplasia em indivíduos predispostos, mostrando a necessidade de ações interdisciplinares na atenção básica e outras entidades, que visam o incentivo à promoção da saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARRERETTE, Sidney Glina et al. Câncer de bexiga-diagnóstico. **Rev Assoc Med Bras**, v. 54, n. 2, p. 95-104, 2008.
2. CHIELLE, Eduardo Ottobelli; KUIAVA, Victor; PERIN, Ana Thereza. EPIDEMIOLOGIA DA NEOPLASIA MALIGNA DE BEXIGA: UM ESTUDO DAS TAXAS DE MORTALIDADE E DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 17, n. 62, 2019.
3. DA COSTA, Luiz Alexandre Villares; WROCLAWSKI, Marcelo Langer; MACHADO, Marcos Tobias. **Fatores de risco não-ocupacionais para câncer de bexiga**.
4. FILHO, João Frederico Alves Andrade et al. PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES PORTADORES DE CÂNCER DE BEXIGA SUBMETIDOS À CISTECTOMIA RADICAL¹. **Revista Paraense de Medicina**, v. 27, n. 4, p. 47, 2013.
5. MEGUMI SONOBE, Helena et al. Assistência de enfermagem perioperatória aos pacientes com câncer de bexiga. **Avances en Enfermería**, v. 34, n. 2, p. 159-169, 2016.